



THAYNÁ WEISSBACH/JC

Após o recuo das enchentes, instituições do Estado, como o Margs, formam planos e reúnem equipes para recuperar peças artísticas e itens de memória

A força-tarefa para salvar acervos e arquivos das águas

Priscila Pasko, especial para o JC

Durante o mês de maio, uma série de imagens revelou ao Brasil e ao mundo um cenário de devastação e ruína. As enchentes que assolaram o Rio Grande do Sul abasteceram, a contragosto, um repertório impensável de cenas. No entanto, enquanto esta reportagem é lida, outras imagens atenuantes estão sendo criadas, ainda que, ambigualmente, tragam em si a marca de um trajeto enlameado.

Em diversos lugares do Estado, milhares de documentos, vinis, livros, desenhos, fotografias, peças artísticas e uma infinidade de materiais encharcados estão secando em um varal, entre

folhas de guardanapo ou sobre o chão e alguns móveis. Eles estão sendo higienizados, contabilizados, recuperados.

No município de Igrejinha, por exemplo, assim que foi possível transitar pelas ruas, um grupo de voluntárias saiu em busca do acervo do Museu Municipal Professor Gustavo Adolfo Koetz. “A parede do arquivo histórico municipal foi levada e não sobrou nada”, relata a museóloga Daniela Schmitt, que também contou com o trabalho da historiadora Alice Braunn e da estudante de História Eduarda Farias da Silva, entre outras profissionais. Alguns itens foram encontrados nas redondezas do terreno do museu, na beira do rio e no pátio de casas. “A gente

acredita ter encontrado, talvez, 1% do acervo.”

As primeiras semanas foram de dedicação exclusiva às ações emergenciais, da manhã à noite. Agora, o material está sendo organizado e documentado. A museóloga disse ter contado com o apoio e suporte da prefeitura e do Sistema Estadual de Museus (SEM/RS), que está realizando uma série de visitas para verificar a realidade das instituições impactadas e realizar ações de apoio. De qualquer maneira, avalia a situação como crítica. Daniela defende a importância do patrimônio histórico e cultural. “A gente precisa saber de onde vem, para conseguir olhar para onde vai. O que vai ser das crianças? O

que vai ser da nossa cidade sem esses espaços culturais que são tão importantes para percebermos a sociedade, a sua memória e a sua identidade?”

Apesar da perícia dos profissionais, em muitos municípios o trabalho de voluntários se dá em condições improvisadas: acervo comprometido, coberto de lama, fungos, cheiro de mofo. “É um trabalho que exige muito, mentalmente e fisicamente. A gente precisa pensar nas medidas de prevenção para não se contaminar”, observa Daniela, que teve, junto à equipe, equipamento de proteção, como máscara, luva, óculos e galocha à disposição.

Leia mais na página central

Um resgate de identidade

Dias antes das águas do Guaíba alcançarem a Praça da Alfândega, em Porto Alegre, no dia 3 de maio, o Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Margs) já havia implementado um protocolo de segurança. A equipe organizou uma força-tarefa, realocando parte do acervo e documentos para os andares superiores do prédio. Entretanto, como comunicou a direção da instituição, as águas acabaram invadindo o térreo do museu, onde está localizada a operação administrativa, os equipamentos e a estrutura de funcionamento do prédio. Além disso, documentos administrativos, gravuras, fotografias e desenhos não conseguiram escapar.

Por isso, está em andamento um plano de recuperação de danos. Fazem parte dele professores e alunos do Curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e integrantes da Associação para a Preservação do Patrimônio das Américas. Também participam servidores da Sedac – com parte da equipe de diferentes setores do Margs, do Museu de Arte Contemporânea do RS (Mars), servidores do Palácio Piratini e voluntários.

A conservadora-restauradora do Departamento de Conservação e Memória do Patrimônio Cultural do Complexo do Piratini e coordenadora do plano de recuperação do Estado, Isis Fófano Gama, explica que apenas ao final do processo de sistematização dos registros das obras será possível fazer um levantamento de quantas estão sendo recuperadas. Após essa etapa, serão feitos os laudos técnicos do estado de conservação. Em seguida, as obras vão para a restauração.

Para Isis, as enchentes e as suas consequências para profissionais da Museologia, Arquivologia e Restauro serão marcantes. “A atuação destes profissionais atende não somente as demandas mais comuns da conservação e restauração e museologia, mas, também, a elaboração de planos museológicos e de gestão de risco, por exemplo, que muitas vezes não são consideradas prioridade”.



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Programação começa a ser gradualmente retomada

Gradualmente, os espaços não atingidos pelas recentes enchentes buscam reorganizar suas programações, boa parte das quais ainda voltada para auxiliar os diferentes segmentos artísticos atingidos pelas águas. Parte desta programação, aliás, traz espetáculos ou iniciativas que estavam originalmente marcadas para maio ou junho e que tiveram de ser, infelizmente, transferidas. Como consequência, o que se perdeu de programação durante aqueles dois meses vai ser concentradamente disponibilizado no segundo semestre, incluindo espetáculos de artes cênicas e programações musicais.

A primeira atração a ser concretizada é o Festival de Teatro para Crianças - Festecri, que ocorrerá entre 7 e 17 de julho vindouro, com espetáculos voltados inteiramente para crianças: nos dias de semana ocorrerão espetáculos dirigidos às escolas e, no final de semana, atrações para o público em geral.

O tradicional festival Palco Giratório, do Sesc/RS, que estaria distribuído por diferentes teatros da cidade, com a nova data vai ser concentrado no palco do Theatro São Pedro, entre 4 e 14 de novembro. Deve-se lembrar que este festival apresenta espetáculos de grupos oriundos de todas as partes do Brasil.

Logo em seguida, de 22 a 28 de novembro, ocorrerá o Porto Alegre Em Cena. O festival que a Secretaria Municipal de Cultura realizava tradicionalmente em setembro, durante a Covid recebeu formatos diferenciados e, neste ano, tendo em vista as cheias, terá igualmente um enfoque específico, por decisão de seu coordenador Luciano Alabarse: vai reunir exclusivamente grupos de Porto Alegre. Deste modo, o festival prestigia e auxilia aos artistas cênicos da cidade, atingidos pelos desastres de maio.

Por iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura, e com apoio financeiro do Banrisul, ocorrerá, entre 19 e 27 de julho, o festival denominado Monitora Rio Grande, que propiciará realizações de grupos de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, assim como cursos de formação online, reunindo profissionais do centro do País em parceria com artistas locais, propiciando bolsas de estudo para os alunos. Esta iniciativa busca ampliar a formação dos artistas locais e, ao mesmo tempo, ampará-los financeiramente, pois cada curso receberá vinte alunos bolsistas, além de propiciar acompanhamento de suas ações a tantos outros quantos o queiram, ainda que de maneira livre e sem suporte financeiro. Todos os ministrantes são voluntários, resultan-

do em parcerias bastante interessantes para a formação profissional dos interessados.

Por fim, a temporada de óperas foi reformulada, mas ao menos dois espetáculos permanecem em produção: comemorando o centenário de falecimento de Giacomo Puccini (1858-1924), ocorrerá a montagem de *La Bohème*, entre 5 e 11 de agosto e, entre 5 e 9 de novembro, a montagem de *Candinho*, ópera que aborda a vida e a obra de Candido Portinari, talvez o muralista mais significativo do Brasil e um dos pintores mais importantes do Modernismo, em especial por sua perspectiva nitidamente crítica das imagens que criou ao longo de décadas sobre o povo trabalhador brasileiro. A destacar que o nascimento de Puccini ocorreu seis meses depois da inauguração do Theatro São Pedro.

Em síntese, em que pese a tragédia que assolou o Estado e os evidentes prejuízos a produções culturais, artistas e grupos em geral, o segundo semestre parece projetar uma espécie de movimento de compensação, de reafirmação e resiliência por parte daqueles que, quase sempre, são os primeiros a pararem e os últimos a retomarem suas atividades.

Enquanto isso, a Secretaria Municipal de Cultura precisará resolver, urgentemente, o que fará com seus espaços. O Centro Municipal de Cultura, com duas salas, o Teatro Renascença e a Sala Álvaro Carvalho, foi duramente afetado pela enchente e já não vinha muito bem das pernas; o recém reconstruído Teatro de Câmara, na rua da República, foi praticamente destruído. Quanto à Secretaria de Estado da Cultura, embora bastante afetada, a Casa de Cultura Mario Quintana não perdeu o Teatro Carlos Carvalho e a sala Bruno Kiefer, que se encontram, respectivamente, no segundo e sexto andares. O Teatro do Ipê segue com planos de recuperação e breve reabertura: embora os pisos subterrâneos, que guardavam documentos de diferentes repartições do Estado, tenham sido atingidos pelas águas, o espaço do teatro em si, um pouco mais elevado, escapou da destruição. Enfim, quanto ao prédio da Fundação Ospa, embora tenha perdido toda a central de ar condicionado e elevadores que seriam instalados, conseguirá recuperar o maquinário graças à doação do mesmo Banrisul, concretizada no anúncio de semana passada do governo estadual.

Outros pequenos espaços distribuídos pela cidade, como o Instituto Ling, felizmente não foram afetados e, assim, poderão retomar, na medida do possível, suas atividades.



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

O jardineiro

Paul Schrader começou a se destacar quando foi um precioso colaborador de Martin Scorsese em *Taxi Driver - Motorista de táxi*, realizado em 1976 e com o qual o cineasta, dando os primeiros passos na carreira, ganhou a Palma de Ouro no Festival de Cannes. Mais tarde, em 1978, roteirista e diretor voltavam a trabalhar juntos em *A última tentação de Cristo*, quando então Schrader foi o responsável pela adaptação do romance de Nikos Kazantzakis. O filme, um dos melhores de Scorsese, foi muito combatido na época por círculos religiosos e até bastante criticado pelo Vaticano. No entanto, há algumas semanas, Scorsese foi recebido pelo Papa Francisco, ao qual anunciou que está fazendo mais um filme sobre Jesus. Ao passar para a direção, por sua vez, Schrader não conseguiu a mesma repercussão, mas realizou filmes que sempre se colocaram acima da corriqueira produção americana, mesmo que não tenha obtido o mesmo êxito de vários colegas de geração, que, a partir dos anos 1960 do século passado, terminaram por levar às telas uma visão diferenciada da vida americana, tecendo variações sobre temas antes não abordados. Ele realizou *Gigolô americano*, em 1980, e dois anos mais tarde teve a ousadia de realizar uma nova versão do clássico *Sangue de pantera*, dirigido por Jacques Tourneur em 1942 e um dos pontos altos do ciclo produzido por Val Newton e integrado por obras do gênero terror. Pelo menos no Brasil, nos últimos anos Schrader tem tido trabalhos apresentados apenas pela televisão.

Agora, com este *Jardim dos desejos*, ele volta aos cinemas com um filme que foi selecionado para a mostra competitiva do Festival de Veneza de 2022. Eis um trabalho que se harmoniza não apenas com alguns filmes anteriores de Schrader como diretor e roteirista. É clara, por exemplo, a ligação do protagonista com o personagem vivido por De Niro em *Motorista de táxi*, sobretudo na tentativa de salvar da violência e do caos em que vai se transformando a sociedade a sobrinha-neta de uma senhora que administra uma propriedade na

qual se destaca um imenso e majestoso jardim. O personagem atual é um jardineiro dos mais competentes, e conhecedor da história da botânica. Mas aos poucos, como é de seu estilo, o cineasta vai revelando aspectos e segredos que compõem o passado do personagem. Assim, o que parece uma sociedade organizada segundo padrões de excelência vai se transformando numa fachada que esconde demônios e fantasmas. A ideia é a de mostrar um mundo no qual a violência se encontra apenas aparentemente dominada. Quase que há um massacre como aquele do filme de 1976, mas a violência e a agressividade são semelhantes. O final pode ser discutido e visto como uma concessão, mas o filme, inegavelmente, tem sua força.

Porém, no que se relaciona às exibições em Porto Alegre, algo prejudica bastante o filme. Uma projeção fora de moda, numa época em que a luminosidade permite ao cinema vencer concorrentes que oferecem boas condições no ambiente doméstico, não permite mesmo que se veja claramente o rosto dos intérpretes. As imagens são dominadas por sombras que nada tem a ver com o pretendido pelo diretor. Antes, em alguns trailers também exibidos, o mesmo acontecia. A ausência de luminosidade e nitidez adequadas é algo que o cinema não pode prescindir. No caso de *Jardim dos desejos*, até as tatuagens no corpo do personagem principal não são claramente visíveis, o que anula o efeito pretendido, até porque são elas visualmente importantes para a compreensão do relato. Os exibidores, que nos últimos tempos têm enfrentado problemas gerados por epidemias e inundações, não podem descuidar do material que oferecem ao público, sob pena de perderem a batalha para outros meios de exibição de filmes. O cinema vai continuar, é claro. Em muitas cidades, inclusive aqui, salas estão sendo equipadas de maneira a oferece ao público projeções de qualidade. Mas é necessária atenção para as telas, que devem ser iluminadas de forma perfeita e mostrar figuras e paisagens de forma a não as desfugar.

fique ligado

Concerto solidário da Orquestra da Ulbra

A Orquestra de Câmara da Ulbra realizará um concerto solidário neste domingo, às 11h na Comunidade Evangélica de Confissão Luterana São Lucas (rua Luiz Voelcker, 285). Como forma de arrecadar doações às vítimas da enchente, o concerto será gratuito, mediante a entrega de alimentos não perecíveis na entrada.

Com regência de Tiago Flores, o programa será dedicado à obra de dois dos maiores compositores do período Clássico: Wolfgang Amadeus Mozart (1756 - 1791) e Franz Joseph Haydn (1732 - 1809). A apresentação começa com a execução de *Divertimento em Sib*, de Mozart, seguida pela *Sinfonia nº 29, em Lá M. K. 201*. O concerto se encerra com *Sinfonia*



EDUARDO SEIDL/DIVULGAÇÃO/JC

Apresentação na Comunidade São Lucas terá arrecadação de alimentos

nº 45 - *A Despedida*, de Haydn. A Orquestra de Câmara da Ulbra executará essa peça no mesmo

formato proposto por Haydn, com os músicos deixando o palco um por um.

Conversa musical com Ná Ozzetti e Luiz Tatit

Projeto virtual dedicado à discussão de grandes trabalhos da música popular brasileira, o Obras Comentadas realizará neste sábado, às 16h, mais uma edição, transmitida pelo canal do YouTube de Felipe Antunes, mediador da iniciativa. Os convidados serão os músicos Ná Ozzetti e Luiz Tatit, que falarão sobre o álbum *De Lua* (2023), que une composições inéditas com músicas emblemáticas das discografias dos

artistas. Durante a transmissão, o público será convidado a fazer doações para as famílias atingidas pelas chuvas no Rio Grande do Sul.

Durante a transmissão, serão exibidos detalhes da trajetória de Ná Ozzetti e Luiz Tatit. A dupla vem pondo em prática o modelo de criação em que Ná compõe a melodia e suas inflexões sugerem ao Tatit frases soltas que, aos poucos, vão formando o tema

da letra.

Essa será a 45ª edição do projeto que surgiu durante a pandemia de Covid-19, inicialmente com a intenção de unir o público. Agora, diante da maior catástrofe climática já enfrentada pelo Brasil, a iniciativa entende que é necessário continuar realizando os encontros para levar arte e esperança. O evento é realizado pelo Centro Cultural 25 de Julho de Porto Alegre.

O mês em que o Estado alagou

A TV Cultura exibe neste domingo, às 16h, *Um Estado Devastado pelas Águas - A Tragédia no Rio Grande do Sul*. Com uma hora de duração, o documentário é um trabalho de reportagem da

jornalista Laís Duarte, do repórter cinematográfico Adriano Tavares e do assistente técnico Erinaldo Clemente. A reportagem esteve na linha de frente das equipes dos bombeiros, nos abrigos, hospitais

de campanha, central de doações e nos locais improvisados para receber milhares de animais domésticos que ficaram esquecidos na enchente histórica.

O programa aborda a questão climática, ouvindo o climatologista Carlos Nobre, além de engenheiros e especialistas que explicam a catástrofe que superou a grande enchente de 1941. São cerca de 600 mil desalojados e quase dois milhões e meio de moradores afetados.

O filme traz ainda explicações e possíveis soluções para a tragédia, dando voz a engenheiros, cientistas, médicos, moradores e autoridades que estão trabalhando na reconstrução do estado. Foram ao menos 80 relatos e entrevistas durante 14 dias de reportagens em Porto Alegre e região metropolitana.



LAÍS DUARTE/DIVULGAÇÃO/JC

Documentário *Um Estado devastado pelas águas* irá ao ar neste domingo

Expressão teatral além das fronteiras

Após um ano de sua estreia, o espetáculo *Terra sem Mapa* retorna ao espaço onde iniciou sua trajetória, com temporada na Zona Cultural (avenida Alberto Bins, 900) a partir desta sexta-feira. As apresentações ocorrem sexta-feira e sábado, às 20h, e domingo, às 18h, até 30 de junho, com ingressos entre R\$ 40,00 e R\$ 80,00 à venda pela plataforma Sympla e no local.

Vencedor do Açorianos de Melhor Ator, o projeto conta com programação especial, que promoverá conversa com Guacira Lopes Louro no dia 22 de junho. Ela participa, ao lado dos atores Mirna Spritzer e Sergio Lulkin, do bate-papo *Memórias, não é assim que*

se constrói uma história?. Ao longo da temporada, uma lojinha com produtos com a identidade visual de Terra sem Mapa, criada por Leandro Selister, estará funcionando. Toda a venda será revertida para coletivos de artistas da Cena de Porto Alegre. Já no dia 30, será promovido o Domingão da Doação, onde toda a renda da sessão deste dia será revertida em doação para a cozinha solidária da Azenha.

Espectáculo vencedor do Açorianos de Melhor Ator de 2023, *Terra sem Mapa* traz o tema fundamental da migração. No espetáculo, dois narradores procuram reviver tantas memórias suas e de outros, histórias de quem partiu e de quem aqui chegou.

COMPRE SEU INGRESSO EM

ESCRITO E DIRIGIDO POR
ISHANA NIGHT SHYAMALAN
PRODUZIDO POR
M. NIGHT SHYAMALAN

OBSERVADORES

BASEADO NA OBRA DE
A.M. SHINE
ELES ESTÃO DE OLHO
HOJE
SOMENTE NOS CINEMAS

VERIFIQUE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA.
VERSÕES ACESSÍVEIS DISPONÍVEIS. CONSULTE O CINEMA PARA MAIS INFORMAÇÕES.

reportagem cultural

Prudência e estratégia



Obras recuperadas da enchente, que antes estavam no subsolo do Margs, estão secando em andares superiores

Priscila Pasko, especial para o JC *

Respeitar as etapas do processo de salvamento de arquivos e acervos é fundamental e, em algumas situações, elas podem definir se o material em questão poderá ser recuperado ou não. A coordenadora do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul (SEM/RS), Dóris Couto, recomenda que os resgates devem ser feitos após a água baixar. Enquanto o nível estiver alto, cobrindo o pé, corre-se o risco de pisar em peças dos acervos, já que eles se deslocam na água. Nestas condições, “estamos sujeitos a pisar em uma fotografia ou documento importante, de tropeçar em uma

cerâmica. E o dano que a água não causou anteriormente acaba sendo provocado justamente pela tentativa de retirar a peça da água”, alerta.

Voluntários que se ofereceram a ajudar receberam orientações como essas. Após algumas instituições criarem formulários para inscrições, foram promovidos eventos de capacitação online, além de orientações por vídeo-chamadas e trocas de mensagens, procedimento que ainda está sendo adotado. O Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (Apers) também fez essa chamada a profissionais e a estudantes de áreas afins interessados em contribuir. A diretora do Apers, Aerta Moscon,

conta que mais de 700 pessoas se voluntariaram para o resgate dos acervos atingidos pelos alagamentos. O trabalho iniciou no dia 15 de maio e, no momento, não há data definida para novas capacitações.

O órgão está resgatando documentos pertencentes às secretarias do Poder Executivo do Estado e dos arquivos municipais que aderiram ao Sistema de Arquivos do Estado do Rio Grande do Sul (SIARQ/RS). “O cenário é catastrófico, pois, se não recuperarmos esses acervos, o Estado ficará sem uma parte significativa de sua história. Além disso, é crucial destacar que esses documentos são garantias dos direitos dos cidadãos”, ressalta Aerta.

Uma corrida contra o tempo

É de São Paulo que a conservadora-restauradora de papéis, Fernanda Auada, auxilia voluntários do Rio Grande do Sul. “É bastante difícil para quem está longe. Dá vontade de correr para aí e atuar junto. Há que se pensar muito rapidamente nas melhores soluções com os materiais, pessoas e espaço de trabalho que existem”, explica a restauradora, que presta orientações a três grupos em um aplicativo de troca de mensagens.

Fernanda observa que são poucas pessoas fazendo os trabalhos de resgate ou secagem, e defende a necessidade de equi-

pes maiores. Durante o acompanhamento que faz, comenta que os voluntários trabalham em locais úmidos, sob o risco de encontrar animais peçonhentos. “As pessoas que estão na linha de frente deste trabalho com os acervos estão se dedicando ao máximo, trabalhando muitas horas seguidas, com pouco descanso. Porque agora é uma grande corrida contra o tempo. Assim que é possível entrar no edifício, as ações devem ser imediatas para evitar a progressão de danos”.

Fernanda se une ao coro que defende a urgente valoriza-

ção do patrimônio, sobretudo diante das mudanças climáticas. Ela esclarece que, ao adotar o plano gestão de riscos, as instituições identificam os riscos presentes, as suas fontes, a probabilidade de ocorrerem e o quanto destruiriam as obras. “São pouquíssimas organizações brasileiras que desenvolveram um plano de risco. Quando implementados, eles preveem treinamentos e simulações de sinistros, para deixar as equipes afiadas quando precisarem agir. Com isso, certamente, muita coisa poderia ter sido recuperada (no Rio Grande do Sul)”.

O socorro ao setor cultural

Em razão das enchentes, a Secretaria de Cultura do Estado já havia antecipado processos de pagamento de recursos para projetos aprovados na Lei Paulo Gustavo, flexibilizado prazos e normas para projetos culturais durante o estado de calamidade e mobilizado uma força-tarefa para recuperar museus.

No final da primeira semana de junho, o governo do Rio Grande do Sul anunciou, por meio do Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul), a destinação de R\$ 25 milhões para o setor cultural. Destes, R\$ 15 milhões são para a recuperação dos espaços físicos culturais do Museu de Arte do RS (Margs), o Memorial do Rio Grande do Sul, o Museu de Comunicação Hipólito José da Costa (MuseCom), a Casa de Cultura Mário Quintana (CCMQ) e a Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa), todos em Porto Alegre. O Museu Estadual do Carvão, em Arroio dos Ratos, também será contemplado. O montante também contemplará um festival, para socorrer artistas, e um edital de patrocínios para projetos.

A secretária estadual de Cultura, Beatriz Araújo, informa que o Sistema Estadual de Cultura está realizando um mapeamento de instituições culturais que so-

freram impacto em todos os municípios do Estado. Espaços de Canoas, Lajeado, São Leopoldo e outras localidades impactadas já receberam atenção e novas visitas estão agendadas para municípios do Vale do Rio Taquari.

Sabe-se que a ocorrência de eventos climáticos extremos será cada vez mais frequente. Diante disso, seria preciso o alinhamento de uma agenda que estimule e concilie a cultura material e imaterial com as pautas do meio ambiente, assim como a articulação das secretarias da cultura com as demais. Em resposta, Beatriz Araújo fala que a Sedac tem procurado atuar de forma conjunta e transversal com outras secretarias, como a de Inovação, Ciência e Tecnologia (Sict), da Educação (Seduc) e do Meio Ambiente (Sema).

Ela anuncia outras ações que devem ser colocadas em prática ainda neste ano, como o seminário internacional Cultura e Antropoceno, que será sediado na Casa de Cultura Mario Quintana. “Os detalhes ainda estão sendo definidos, mas já posso adiantar que o evento contará com pesquisadores da comunidade científica, que dialoguem com autores e artistas cuja produção e atuação também se dê por essa linha.”



Itens do Museu Prof. Gustavo Adolfo Koetz, em Igrejinha, sofreram danos

“É preciso atuar cada vez mais de modo preventivo”

Desde que as enchentes revelaram os seus efeitos sobre o Estado, a coordenadora do Sistema Estadual de Museus do Rio Grande do Sul, Dóris Couto, orienta grupos de voluntárias e voluntários envolvidos no resgate de arquivos e acervos atingidos pela água e pela lama. Dóris, que é, também, diretora do Museu Julio de Castilhos, de Porto Alegre, compartilha nesta entrevista alguns desafios que os profissionais da área da museologia, biblioteconomia, conservação e restauro estão enfrentando, além de destacar a necessidade de implementação de projetos de prevenção.

JC - Você mencionou em um evento online de capacitação para voluntários que poucos municípios contam com arquivistas, bibliotecários e museólogos. A que se deve este cenário e de que forma ele compromete o trabalho de força-tarefa que está sendo feito?

Dóris Couto - Infelizmente, em uma parte significativa dos nossos municípios é mais comum ter bibliotecário, mas não é regra. Museólogo é raríssimo e arquivista idem. Então, a gente pode observar que nos lugares, inclusive em que os salvamentos iniciaram, é onde nós tínhamos esses profissionais na linha de frente, especialmente museólogos. Esses profissionais acabam fazendo muita diferença no procedimento emergencial, porque contam com uma formação multidisciplinar, têm informações e orientações do que fazer e também do que não fazer.

JC - Este cenário de carência de profissionais se reflete em outros estados?

Dóris Couto - Ela é histórica, e não apenas no Rio Grande do Sul, é a nível nacional mesmo. Algumas profissões regulamentadas e profissões relativamente novas, como a de museólogo, aqui no Rio Grande do Sul, especialmente, faz com que ainda os municípios não entendam esses profissionais como necessários. Mas é justamente neste momento, em que uma tragédia sobre a memória e a identidade das populações locais também se sobressai para além da tragédia humana, que a gente vê a falta que esses



Processo de secagem requer paciência, mas é fundamental para salvar itens

profissionais fazem e a diferença de suas atuações quando estão em campo.

É necessário repensar isso, como essas instituições se organizam nos espaços do nosso território, como elas passarão a se organizar e a contar com um corpo técnico mais preparado. Também não basta ter o museólogo, o arquivista ou o bibliotecário, é preciso ter um plano de contingência para o caso de haver um alagamento, uma infiltração por uma calha que não deu conta da quantidade de chuvas, acabou provocando transbordamento e atingindo qualquer dessas tipologias de acervo.

JC - É possível prevenir, garantir a segurança ou amenizar os danos de eventos climáticos específicos que atingem determinadas regiões?

Dóris Couto - Há uma série de normas, que vêm sendo tratadas e orientadas por uma série de organismos internacionais, e que cada vez mais é preciso que

sejam postas em prática. O que acontece é que, entre aquilo que a ciência pode oferecer e aquilo que a vida prática das instituições oportuniza executar, há um abismo gigantesco. Não é mais possível que se atue sobre o acervo que está de molho na água, que está sob a lama, ou sobre aquele que acabou sendo acometido pelo fogo ou por uma infiltração de telhado, por exemplo. A gente tem que atuar cada vez mais de modo preventivo.

É preciso que a gente comece a pensar de modo diferente esse tratamento, e o quanto, efetivamente, nós vamos nos dedicar a salvar e a preservar memória e identidade das nossas regiões, das nossas cidades, enfim. É um processo longo, demorado, de convencimento, que demanda orçamento também, porque em algumas situações a recomendação será trocar o equipamento, o museu, o arquivo, a biblioteca de lugar. É a única coisa que poderá salvar.

Rede de cooperação e mapeamento

Na segunda quinzena de maio, o Ministério da Cultura (MinC) anunciou a criação de uma Rede para Mapeamento e Recuperação do Patrimônio Material, Acervos Museais e Arqueológicos e Arquivos no Rio Grande do Sul. Mais de 80 representações, entre poder executivo federal, estadual e municipal, além das universidades, conselhos profissionais e organismos internacionais já se reuniram. O trabalho dos envolvidos, por ora, é voluntário.

As etapas e o cronograma dos trabalhos ainda não foram estipulados em razão do estado de calamidade de muitos municípios, já que o nível da água precisou baixar. Somente com a situação estabilizada foi possível ingressar nos imóveis e identificar os danos. É o que explica o secretário-executivo do MinC, Márcio Tavares. Ele acrescenta que o mapeamento está em curso, e será indispensável para entender o tamanho do dano e dos esforços necessários para a recuperação.

A rede, que está em fase de formalização, é coordenada por um comitê de governança, composto pelo MinC, Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), Instituto do Patrimônio Histó-

co e Artístico Nacional (Iphan), Arquivo Nacional, Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Os grupos de trabalho são quatro: Patrimônio Histórico, Arqueologia, Acervos e Arquivo.

A intenção é de que a rede se estenda para ser um grupo permanente de apoio e prevenção, com expertise para que possa também ter alcance nacional. Assim, conforme Tavares, o grupo teria condições de “auxiliar em outras demandas de emergências e desastres que afetem os trabalhadores da cultura e os nossos patrimônios culturais e históricos”.

Ainda não se tem uma ideia do valor necessário para a etapa de reconstrução dos equipamentos culturais. Antes, explica Tavares, é preciso concluir o mapeamento dos danos. “As ações de restauração são complexas e minuciosas e certamente demandarão atuação conjunta dos órgãos públicos, financiamentos, patrocínios e cooperação internacional. Mas, como já reiterado pelo presidente Lula e a ministra Margareth Menezes, não faltarão recursos para o Rio Grande do Sul”, assegura.



Estudantes voluntários da UfPel atuam para recuperar acervo do Margs



Priscila Ferraz Pasko é escritora, jornalista freelancer na área cultural e graduanda no Bacharelado em História da Arte (Ufrgs). É autora do livro de contos *Como se mata uma ilha* (Zouk, 2019) – Prêmio Açorianos 2020 na categoria conto.

nas telas



FÁBIO BOUZAS/DOWNTOWN FILMES/DIVULGAÇÃO/JC

Mallandro, o errado que deu certo marca volta do comediante aos cinemas

A volta por cima de Sérgio Mallandro

Filme que marca o retorno de Sérgio Mallandro aos cinemas, *Mallandro, o errado que deu certo* promete reeditar o humor entre o ingênuo e o escrachado que fez do comediante figura famosa nos anos 1980 e 1990. No longa dirigido por Marco Antonio de Carvalho, Sérgio Mallandro está afundado em dívidas e precisa se reinventar. Recém eliminado de um *reality show*, ele aceita

participar de um piloto para um novo programa de auditório, mas, após uma pegadinha dar errado, ele se vê entre a vida e a morte e precisa tomar uma decisão importante que pode afetar sua carreira para sempre. Unindo humor e emoção, o filme mescla elementos reais e fictícios para criar um enredo envolvente e, ao mesmo tempo, prestar uma homenagem ao comediante.

Laços de família e um segredo macabro

Protagonizado por Brigette Lundy-Paine e dirigido por Gabriel Abrantes, o terror *A semente do mal* chega aos cinemas contando a história de Edward (Carloto Cotta), um rapaz que desconhece sua família biológica até que um teste de DNA mostra quem são. Junto de sua namorada Riley (Brigette Lundy-Pai-

ne), ele viaja até terras portuguesas para conhecê-los. No entanto, o que parecia ser uma jornada de descobertas pelo Norte de Portugal se transforma em um pesadelo indescritível, quando Edward percebe que os laços que o unem a sua família estão mergulhados em um segredo macabro.

Memórias e expectativas na estação

Estreia nos cinemas gaúchos, *A Estação*, de Cristina Maure, conta a história de Sofia, uma mulher misteriosa que chega caminhando à Vila Clemência na esperança de pegar um trem, pois o comboio no qual estava quebrou. Ela deseja ir atrás de seu marido, que a abandonou por uma outra mulher. Como o trem não aparece, Sofia é obriga-

da a se hospedar na pensão que a Companhia Ferroviária Nacional oferece aos passageiros que, por acaso, chegam até ali. Vemos o convívio dela com os outros passageiros que ali moram, alguns deles há muito tempo, e como cada um lida com a espera de um trem que pode passar várias vezes ao ano - ou ficar mais de 10 anos sem passar.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Transtorno dissociativo de identidade (Psic.)	Arquiteto brasileiro ganhador do Prêmio Pritzker de 2006	Polo turístico da Flórida (EUA)	Lenta; vagarosa
Pessoa que leva a culpa pelas falhas do grupo (bras.)	Hipocrisia (fig.)	Ineficácia do ato jurídico por grave vício	"(?) tu, Brutus?", frase atribuída a César (Ant.)
O relevo estudado pelo oceanógrafo			
A arte do fabricante de própolis			
Língua falada por ciganos espanhóis	(?) Paz, a capital política da Bolívia	Forma de restituição do Imposto de Renda	
A pimenta e o caruru, no acarajé			"(?) de Clarineta", de Erico Verissimo
(?) gratias: Graças a Deus (lat.)	Busto, cintura e quadril		
Enxergar			
	(?) Valença, cantor e compositor de "Anunciação"	Sufixo de "peptona" 650, em romanos	Estuda as causas dos delitos penais
(?) -pago, o celular com conta mensal	Aquele que corta (cereais) com foice	Expressão de Virgílio que indica a celeridade com que as notícias se difundem	
	Heroico		
Rede local (Inform.)		Personagem alado do bumba meu boi	Vitamina que previne a xerofthalmia
Veículos espaciais			Idade Média (abrev.)
Pintor de "Ninfetas"			Possuir
Opõe-se ao zênite		O ator de grupo teatral mamembe	
		Modelo bíblico de resignação	Pular de asa-delta
Música lusitana	Mensageiro divino		Lance do vôlei
Predomínio social da classe média (Pol.)		Maior cidade da Nigéria	Busca e salvamento (sigla inglesa)
Bélgica, nas transmissões de futebol	Elevar (a bandeira) ao alto do mastro		

BANCO 3/deo. 5/bioco — nadir. 9/fama volat. 18/palio mendes da rocha. 24

SEUS PASSATEMPOS PREFERIDOS SEM SAIR DE CASA

#FaçaCoquetel @editoracoquetel @coquetel

ASSINE AGORA! www.coquetel.com.br

Solução

H	V	E	S	V	T	E	R	E	
V	I	C	A	R	C	O	I	D	M
S	O	L	O	J	N	V			
L	A	V	R	A	O	F	A	D	F
R	O	I	R	A	V	R	I	D	N
E	N	O	M	D	E	V	A	L	C
M	I	V	A	S	E	V	A	N	
O	L	I	F	E	I	N	V	L	A
L	C	D	C	E	L	P	S	D	P
O	V	O	N	A	R	V	E	R	V
S	A	D	M	O	E	D	D		
P	S	I	A	I	O	P	O		
E	L	O	L	V	L	O	L	C	
V	A	R	A	T	T	C	I	F	A
O	N	I	M	B	U	S			
M	O	P							

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: Saturno afeta seu regente Marte e indica conflitos no trabalho e nos negócios. Você reage mal diante de pressão e cobrança. Não finja que isso não existe e que você está isento.

Câncer: A má comunicação com as pessoas no trabalho dificulta trabalhar. Ao expressar o que sente ou pensa evite força e contundência demais, mas também não se omita.

Touro: Um dia de desafios em sua vida íntima. Seus desejos querem se impor, mas algo dentro de você mesmo resiste. Não se force a atos heroicos nem a covardias. Compreenda-se.

Leão: Tensão nos assuntos profissionais e na conduta diante de seus princípios. É preciso agir conforme um critério próprio, sem se deixar levar pelos impulsos mais instintivos.

Gêmeos: Problemas com os amigos ou com sua consciência. As relações são difíceis e custosas. Não se permita ser subjugado e agredido, mas também não cause isso a outras pessoas.

Libra: Interesses conflitantes em seu interior e nos relacionamentos. Talvez queira coisas incompatíveis, tornando o dia caótico. Atenção, pois isso se projeta sobre as pessoas.

Capricórnio: Um dia de controvérsias e polêmicas com os familiares e com seus amores. A situação pode ser contraditória, impondo uma direção quando tudo a sua volta aponta para outra.

Virgem: As relações mais importantes, na vida pessoal e no trabalho, estão por encontrar um rumo que lhes seja mais satisfatório. Não teime com direções que não levam a nada.

Escorpião: Sua sensibilidade irá se ressentir com as pessoas, parecendo que elas estão sempre contra você. Os amigos podem parecer ainda mais beligerantes do que os inimigos.

Aquário: Respeite seus limites materiais e siga o bom senso. Os negócios e relações podem avançar, mas em meio a adversidades e situações que exigem posicionamento claro.

Sagitário: Os cuidados com a saúde e com seus sentimentos são fundamentais. Não se exija demais, mas também não afrouxe - este é um equilíbrio difícil, mas muito necessário.

Peixes: Você talvez se sinta constrangido pelas pessoas próximas e a pessoa amada. Suas ideias precisam ser colocadas à prova, diante da vontade das outras pessoas.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Os faraós dos bitcoins

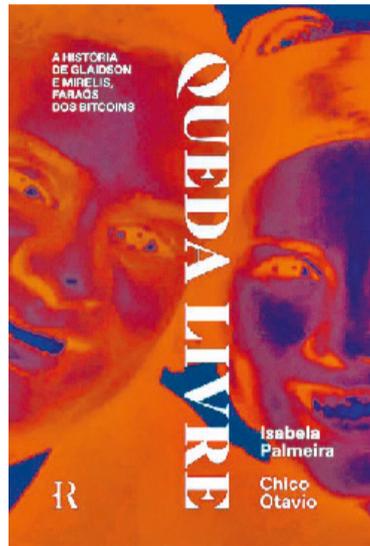
Queda livre (História Real- Editora Intrínseca, 208 páginas, R\$ 69,90), dos consagrados Isabela Palmeira, jornalista e roteirista, editora da Globonews e repórter de O Globo, e Chico Otavio, repórter, escritor e professor de jornalismo da PUC, jornalista de O Globo por 26 anos e ganhador de seis prêmios Esso, contam, com detalhes precisos e narrativa envolvente a mirabolante história de Glaydson e Mirelis, que ficaram conhecidos como os Farós dos Bitcoins e responsáveis por uma dos maiores esquemas de pirâmide financeira da história do Brasil.

O livro tomou três anos de investigações e mostra como o casal, atualmente preso, conseguiu ir da pobreza à riqueza e mostra a ostentação e as acusações de crimes contra o sistema financeiro, organização criminosa, lavagem de dinheiro e homicídio.

Além de apresentarem os bastidores do golpe gigante, no

livro os autores revelam a mistura de fé, ambição e ganância que foi capaz de destruir milhares de famílias pobres e dezenas de celebridades ricas, atraídas pela milenar tentação do lucro fácil. A sagaz venezuelana iniciada no mundo dos bitcoins e o messiânico, habilidoso, flanelinha, garçom, pastor e faraó Glaydson, oriundo da Cidade de Deus, favela do Rio de Janeiro, se juntaram e uma química poderosa surgiu. Ele nas Igrejas levava a boa nova, a “teologia da prosperidade” e vinculava a bênção divina ao sucesso material.

Templo é dinheiro, a gente sabe. Os fiéis clientes disseram amém, investiram tudo e Mirelis Yoseline Doas Zerpa e Glaydson Acácio dos Santos movimentaram R\$ 38 bilhões, entre 2015 e 2021 e ludibriaram ao menos 89 mil pessoas. A promessa era de juros mensais de 10%, e aí os irmãos de fé da Universal pararam de pagar o dízimo e passaram a investir no mega negócio



do Faraó. As operações começaram na Região dos Lagos fluminense e depois se espalharam por todo o País.

Messias de lucro fácil sempre existiram. Na esteira da revolução digital, a bola da vez foi a criptomoeda. Sonho do ganho fácil, ganância, demolição moral, tudo mais velho que andar pé e a Sé de Braga.

e palavras...

O GUAÍBA PEDE UMA D.R.

Com licença, e desculpem, amigos porto-alegrenses, gaúchos, brasileiros e estrangeiros. Sei que o momento de enchentes talvez não seja o mais adequado, mas preciso urgente discutir o relacionamento com vocês. Sou o antigo Guaíba, em tupi-guarani o “encontro das águas”, nome dado pelos primeiros habitantes indígenas há muitos séculos.

Depois foram me chamando de Guaíba e, devido à minha estrutura única, de ter uma hibridez rara em corpos hídricos e ao fato de ter características de lago e de rio, minha denominação toponímica é difícil e aí me chamam de rio, ria, estuário, lago e corpo hídrico raso e aberto. Há quem diga que estuário não sou porque não desaguou no mar. Não ligo muito para nomes, quero apenas ser bem tratado. “Se a rosa tivesse outro nome, teria perfume diferente?”, disse Shakespeare.

Podem me chamar só de Guaíba, mas óbvio que a definição quanto à minha verdadeira natureza tem aspectos importantes para minha preservação, projetos e consequências enormes em termos imobiliários. Espero que os doutores, os administradores e legisladores e a população decidam que nome realmente devo usar, mas minha preocupação maior vai muito além disso.

Nessa Porto Alegre onde vivo há milênios, já tivemos oito enchentes nos séculos mais recentes. Ocupo 376 quilômetros quadrados e sinto que a relação dos porto-alegrenses comigo é ambivalente. Ora dizem que me adoram, que me amam e que meu pôr do sol é o melhor do mundo e

que gostariam de tomar banho novamente nas praias mais próximas do centro, onde meu porto mingou e onde aguardo por uma revitalização que espero que não vá para as calendas.

De outro lado, especialmente a contar do final dos anos 1950, me poluíram uma barbaridade e estou aí, aguardando por uma limpeza. Sim, eu sei que levaram décadas para despoluir o Tâmis, mas não tenho pressa e espero. Desculpem o tema meio chato, mas preciso falar que me aterroraram e aterraram e aí, sem todos os devidos cuidados, vão acontecendo coisas que eu preferia não ter visto. Quem não gosta da nossa nova orla? Mas será que era prioritária? Será que foram tomadas todas as providências devidas? Será que era preciso aterrar tanto, mais uma vez? Será que não é melhor a população, os ativistas da ecologia, as autoridades, o Ministério Público e o Judiciário pensarem mais sobre dragagens? Não precisam me responder agora. Estudem um pouco, ao menos, as causas da enchente de 1941, quando choveu mais do que agora e não se falava em desastres climáticos.

Nessa hora triste não estou buscando culpados e nem respostas apressadas e espero que o tempo, os estudos e a busca de informações façam o seu imprescindível papel. O momento é de ajudar os necessitados e partir para a reconstrução. A população no futuro próximo, tenho certeza, vai ter um relacionamento diferente comigo, que sofre com mudanças de clima no mundo, chuvas, ventos e águas que vêm dos rios.

lançamentos



O Jardim de Algodão

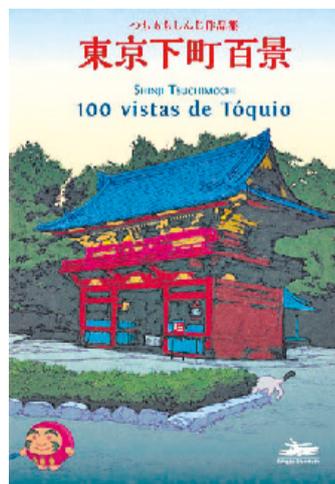
Tino Freitas e Ionit Zilberman

► **O jardim de algodão** (Pallas Editora, 40 páginas, R\$ 68,00), do premiado jornalista e escritor cearense Tino Freitas, com belas ilustrações em cores de Ionit Zilberman, livro infantil que trata de amor e acolhimento, relações de família, macarronada do avô e vestido florido da vovó, mostra que o amor em família é o melhor presente.



► **Alavancagem** (DVS Editora, 272 páginas, R\$ 73,00), de Paulo de Vilhena, autor *best-seller*, traz a chave do crescimento empresarial. Mostra que a alavancagem fornece a possibilidade de impulsionar negócios de maneira contrária à lógica com a qual nos acostumamos. Alavancar negócios pode trazer crescimento inversamente proporcional ao esforço aplicado.

mento inversamente proporcional ao esforço aplicado.



► **100 vistas de Tóquio** (Editora Estação Liberdade, 128 páginas, R\$ 43,00), de Shinji Tsuchimochi, é inspirado no clássico *100 vistas de Edo* do mestre Hiroshige Utagawa. O ilustrador Shinji criou sua obra com 100 lugares

icônicos de Tóquio, carregados de histórias e lembranças.

a propósito

Não utilizem a tragédia de modo ruim. O desastre deve trazer união, ações e reconstrução. Sou um velho rio/lago sonhador. Me acusam de invadir os espaços que me tomaram. Faz parte. Somos todos responsáveis pela construção e desconstrução da cidade. Logo volto ao meu ‘normal’. Espero não chova tanto, que os rios derramem menos

águas, que os equipamentos ajudem. Não me aterrem mais sem cuidado, e que todos auxiliem e façam sua parte para um planeta sustentável. Ficarei feliz quando minhas águas limpas abraçarem a todos, especialmente as gaúchas e as crianças. Não quero tomar espaços e causar prejuízos. Vamos salvar nossa relação. **(Jaime Cimenti)**

pensando cultura

Artistas gaúchos voltam à cena pela reconstrução da Cultura

Adriana Lampert

Afastar “a tristeza que se instalou no povo gaúcho” depois das enchentes do mês de maio está entre as metas do projeto Deu Pra Ti Baixo Astral - Juntos pra voltarmos a sorrir, idealizado pela Top Agência Produtora. A iniciativa prevê apresentações teatrais para o público adulto e infantil entre os dias 25 a 30 de junho, no Teatro do CIEE-RS Bannisul (rua Dom Pedro II, 861), com ingresso solidário no valor R\$ 50,00 (meia-entrada) junto com doação de 1kg de alimento não perecível, um agasalho ou um brinquedo, que será destinado para as vítimas da maior tragédia ambiental ocorrida no Estado. O custo da entrada sem doações é de R\$ 100,00 (inteira).

Ao todo, dez espetáculos compõem a grade de programação do projeto, que pode ser conferida no site deupratibaixoastral.com, onde também é possível adquirir os ingressos de forma antecipada. Seis apresentações são

destinadas ao público adulto e acontecem sempre às 20h: a primeira sessão, dia 25 (terça-feira), leva ao palco do espaço cultural o musical *Tributo Cazuza: vida* (Karen Radde e Vinicius Menezes). No dia 26, a atração é a comédia *Manual prático da mulher moderna* (Patsy Cecato), seguida - no dia 27 - por outra montagem do gênero: *TOC, Uma comédia obsessiva compulsiva* (Lutti Pereira). Já a noite do dia 28 será dedicada a uma sessão de *Terapia colorida #TudoJunto&Misturado* (Juliana Barros), fazendo uma alusão ao Dia Internacional do Orgulho LGBTQIA+. “Nesta data, após o espetáculo, ainda ocorrerá uma conversa com um psicólogo da Ong Igualdade, que irá falar dos direitos homoafetivos e outros assuntos relativos ao tema da peça, que pontua a liberdade para toda forma de amor”, sinaliza a diretora da peça.

No final da semana, o público adulto ainda poderá conferir os espetáculos *Se meu ponto G falasse* (direção de Júlio Con-

te), que acontecerá no dia 29 (sábado), e *Terapia de Casal, uma comédia em crise* (Juliana Barros), que encerra a programação no dia 30 (domingo). O projeto conta ainda com outras quatro montagens, voltadas para as crianças: *Peter Pan* (dirigido por Karen Radde) acontece no dia 27; *Aladdin* (Karen Radde), no dia 28; *Gato de Botas e Bombachas* (Arthur Barbosa), no dia 29; e *Adivinha o que é* (Juliana Barros), no dia 30. Todas as peças infantis ocorrem às 16h.

“Nesta semana, ainda fechamos uma parceria, que levará um show com entrada franca para o palco do Teatro do CIEE-RS Bannisul, espaço que está nos apoiando muito, e sem o qual esse projeto não aconteceria”, destaca Juliana Barros, responsável pela Top Agência Produtora. “Com isso, antes mesmo do início da programação oficial do evento, o público será contemplado com a apresentação musical de diversos artistas gaúchos, como Duca Leindecker

e convidados, e a banda Casa Torta, que vão lançar o clipe *Pra poder seguir*”.

Juliana destaca que “seguir em frente, retomando os trabalhos” também é o mote do projeto: “Não podemos permitir que a enchente afogue os nossos sonhos, os nossos sorrisos e a nossa arte”, afirma, lembrando que os artistas gaúchos ainda estavam se recuperando do impacto da pandemia de Covid-19 quando ocorreram as enchentes. “A classe artística foi muito prejudicada em ambos os eventos. Agora, com os alagamentos, muitos dos mais de 60 profissionais envolvidos nesse projeto foram impactados diretamente - e quem não ficou desalojado sofreu indiretamente com a tragédia, ficando sem poder trabalhar, em vista de que muitos espaços culturais foram afetados”, destaca Juliana. “Isso não pode e não vai acontecer, porque nós fazemos parte desse processo de reconstrução”, emenda.

A diretora teatral observa

VILMAR CARVALHO/DIVULGAÇÃO/JC

que a classe artística necessita não somente de iniciativas pontuais, como o projeto Deu Pra Ti Baixo Astral, mas também de apoio do poder público. “O contexto das artes cênicas está muito difícil, precisaria de um olhar mais efetivo das secretarias de Cultura estadual e municipais, principalmente em Porto Alegre, não vejo nenhum movimento no sentido de ajudar diretamente artistas e grupos locais”, lamenta. Ela observa que - na contramão do evento que está agendado para ocorrer entre os dias 25 e 30 de junho - muitos grupos “não estão conseguindo se reerguer”, uma vez que a grande maioria das temporadas agendadas foram canceladas, e depósitos de cenários e teatros foram invadidos pelas águas de maneira devastadora.

Ao reforçar que a ideia do projeto surgiu da necessidade de reconstrução da Cultura, Juliana conta que, para este evento, foram priorizados espetáculos de sucesso de público e crítica, que tiveram suas temporadas ou apresentações canceladas por conta da enchente. “Fizemos um ‘quebra-cabeça’ para conseguirmos colocar dez espetáculos juntos em um mesmo teatro. Por isso, todas as produções estão mobilizadas e juntas para viabilizar todas as apresentações. “A programação também foi pensada de forma que as peças gerem uma vivência positiva no público, levando esperança através da arte, para incentivar as pessoas a sair do olhar da perda e buscarem ficar bem para poder ajudar quem precisa.”

Integrando ação coletiva proposta por Juliana, o diretor e produtor Lutti Pereira considera que a iniciativa pode servir de impulso, assim como outros projetos do gênero que começam a despontar em meio à classe teatral. “É impressionante o que as pessoas conseguem juntas, quando olham de verdade umas para as outras”, observa, lembrando que a arte, a Cultura e o entretenimento integram um setor importante da economia que não pode ficar parado neste processo de retomada e reconstrução.

“Para o Teatro CIEE-RS Bannisul, apoiar este projeto representa um esforço para tentar mitigar os impactos dessa tragédia, que também afeta profundamente o setor artístico. Desejamos transformar nosso palco em uma ferramenta de apoio e um canal para a disseminação de energias positivas”, comenta o coordenador de Eventos do espaço cultural, Paulinho Beccon.



Entre 25 e 30 de junho, projeto Deu Pra Ti Baixo Astral promove dez apresentações teatrais no Teatro do CIEE-Bannisul, em prol das vítimas das enchentes